

O temor da inexistência a partir de Ivan Ilitch

The fear of nonexistence from Ivan Ilitch

Amanda da Silva Madeira*

Resumo: Este artigo aborda a percepção da morte em relação à consciência, destacando a temporalidade e o sofrimento inerente à existência humana, e demonstrando a interdisciplinaridade entre literatura e filosofia, evidente na análise da obra *A Morte de Ivan Ilitch* (1886), de Liev Tolstói. O objetivo geral é investigar o significado da morte para as personagens, especialmente na negação da finitude, no distanciamento do moribundo como símbolo do medo e na religiosidade como resposta à angústia existencial. Por meio de pesquisa bibliográfica, o estudo revela como as reações das personagens frente à morte de Ivan refletem a objetificação da vida e da morte na sociedade capitalista, influenciada pela ascensão burguesa e pelo formalismo vazio do ambiente jurídico. Aproximando-se da morte, Ivan busca o verdadeiro significado da vida, confrontando suas escolhas e a influência da sociedade. Conclui-se que a obra denota a alienação e objetificação do indivíduo e a busca por respostas diante do paradoxo existencial da vida e da morte.

Palavras-chave: morte, literatura russa, Tolstói

Abstract: This article addresses the perception of death in relation to consciousness, highlighting the temporality and inherent suffering of human existence, and demonstrating the interdisciplinarity between literature and philosophy, evident in the analysis of Leo Tolstoy's work *The Death of Ivan Ilyich* (1886). The general objective is to investigate the meaning of death for the characters, especially in the denial of finitude, in the distancing of the dying as a symbol of fear, and in religiosity as a response to existential anguish. Through bibliographic research, the study reveals how the characters' reactions to Ivan's death reflect the objectification of life and death in society, influenced by bourgeois ascension and the empty formalism of the legal environment. Approaching death, Ivan seeks the true meaning of life, confronting his choices and the influence of society. It is concluded that the work denotes the alienation and objectification of the individual and the search for answers to the existential paradox of life and death.

Keywords: death, Russian literature, Tolstoy

*Graduanda em Letras - Português/Inglês pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, IFCE, Campus Tianguá, CE, Brasil. E-mail: amanda18sm@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0009-8995-0849>. DOI: <https://doi.org/10.51359/1984-7408.2024.257752>. Este artigo é resultado da pesquisa elaborada por meio de Iniciação Científica, orientada pela Profa. Esp. Rayanne Diogenes Alves.

1. Introdução

A percepção da morte em relação à consciência é amplamente estudada nos campos filosófico, espiritual e biológico. Entende-se, segundo Giacomini, Santos e Firmo (2013), que a justificativa para esse interesse se fundamenta na percepção da morte como elemento fundante da humanidade, tendo, em cada cultura, um universo de símbolos e significados que permite aos indivíduos interpretar suas experiências e guiar suas ações.

No campo filosófico, Martin Heidegger (1889-1976)¹ transmitiu a ideia de que o ser humano é definido por sua temporalidade, caminhando inevitavelmente para a morte. Mediante o autor, a relação do indivíduo com o mundo desenvolve-se por meio de preocupações, angústias e culpas. Arthur Schopenhauer (1788-1860)², por sua vez, via a existência como inerentemente ligada ao sofrimento, caracterizando-a como uma experiência miserável. Assim, a existência e a morte, como conceitos interligados, demonstram uma profunda interdisciplinaridade entre saúde e filosofia. As diversas correntes sociais contemporâneas revelam a instabilidade do significado de existir e morrer, abrindo possibilidades para novas investigações.

Não obstante, a ritualização da morte em diversas culturas evidencia o misticismo associado ao sofrimento pela finitude humana, conforme discutido por Giacomini, Santos e Firmo (2013). Contudo, na sociedade hodierna, há uma hiperindividualização desse fenômeno, resultando na perda de sistemas simbólicos tradicionais que, perante os autores, impõem aos indivíduos a responsabilidade de atribuir significados à morte. Essa lacuna cultural gera a necessidade de cada pessoa encontrar seu próprio modo de lidar com a morte e a espiritualidade.

Enquanto isso, aqueles que estão morrendo enfrentam o silêncio e a rejeição, muitas vezes devido à falta de preparo de familiares e equipes de saúde. Logo, a ausência de uma estrutura simbólica compartilhada agrava a experiência da morte, tornando-a solitária e dolorosa para os moribundos e seus entes queridos, observável através da experiência de Ivan Illich (Giacomini; Santos; Firmo, 2013).

Desse modo, esta pesquisa pretende investigar a morte de Ivan e sua significação para as demais personagens. O estudo aprofunda-se especificamente na interpretação da morte como negação da finitude, na distanciamento do moribundo como símbolo do medo e na religiosidade como resposta à angústia da mortalidade da personagem principal. Dessa forma, considerando o contexto da doença e as relações líquidas cada vez mais influentes na sociedade pós-moderna, destaca-se a importância do tema abordado neste artigo.

¹ Conforme explicitado por Werle (2003).

² Para Gimenes (2014), Schopenhauer encarava a morte como libertação para o sofrimento.

Por meio de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e crítico-reflexivo, buscou-se atender aos objetivos supracitados. Estruturalmente, o trabalho divide-se em três partes: a significação da morte na novela de Liev Tolstói; o temor à finitude expresso pelas personagens Ivan, sua esposa e seus conhecidos; e, por último, uma síntese de questionamentos que explora a religiosidade da personagem principal como forma de suprimir a angústia existencial de estar completamente só.

2. A significação da morte

A significação da morte pode ser abordada de várias maneiras, dependendo do contexto cultural, histórico e filosófico. A morte não é apenas um evento biológico, mas também um fenômeno profundamente simbólico e existencial. Ao que se percebe, o ser humano — quando reconhecido como indivíduo que entende o tempo: passado, presente e futuro — teme o final da temporalidade devido às questões instintivas e racionais, ocasionando, portanto, na ansiedade do que está por vir, e suscitando o medo do desconhecido, principal motor da angústia do pós-morte. Nesse sentido, ao investigar a origem da palavra, proveniente do latim *mors* e *mortí*, percebe-se que o termo significa a interrupção de um organismo, ou seja, a morte é vista como um fim, porém, algo que inerentemente vem de interesse ao ser humano.

Gimenes (2014) percebe a morte como um dos temas mais complexos e universais, tanto na literatura quanto na filosofia ao longo dos séculos, sendo a única certeza do indivíduo, independentemente de religião, cultura ou época. Nesse âmbito, não é de se admirar que Combinato e Queiroz (2006) destaquem a tanatologia³ como uma área de estudo intensificada após o período da Segunda Guerra Mundial. Logo, os estudos sobre morte e morrer desenvolvem maior interesse e caráter científico. Vale ressaltar, primeiramente, que há múltiplos tipos de morte, tal como observado segundo a terminologia no dicionário, e dentre elas, a biológica, metafórica e espiritual são as mais influentes e relevantes para o campo da tanatologia.

Em seu sentido primário, o morrer reflete o cessar completo da vida, de uma existência; ou seja, o óbito⁴. A partir disso, Costa (2022) afirma que a morte é uma temática tão antiga quanto a própria existência humana, apesar de ser uma parte natural do ciclo da vida. A autora destaca que o reconhecimento da finitude revela a vulnerabilidade e a fragilidade da vida humana, desencadeando a incerteza filosófica relacionada ao fim de um momento, de uma vida ou, até mesmo, de uma ideia.

A Morte de Ivan Ilitch não apenas retrata uma morte lenta e dolorosa, assim como expõe as reações dos familiares e como a mortalidade é recebida no ambiente doméstico.

³ Investigação científica que analisa morte e morrer da espécie humana (Combinato; Queiroz, 2006).

⁴ Definição de morte segundo o Dicionário Online de Português (Dicio).

A personagem Ivan não somente é destruída biologicamente, como socialmente também, o que se observa através de seus colegas que refletem sobre promoções em cadeia alavancadas pela ausência da personagem: “[...] o primeiro pensamento de cada um dos que estavam reunidos no gabinete teve por objeto a influência que essa morte poderia ter sobre as transferências ou promoções tanto dos próprios juízes como dos seus conhecidos” (Tolstói, 2022, p. 8). Seguindo o tema da finitude, Liev Tolstói apresenta que a esposa pensa no máximo de dinheiro que pode arrancar com a morte do marido:

Ela fingiu pedir a Piotr Ivânovitch um conselho sobre a pensão a receber; mas ele via que a mulher já estava a par, até as menores minúcias, mesmo daquilo que ele não conhecia: ela sabia tudo o que era possível abocanhar no Tesouro, em virtude daquela morte, mas queria saber se não era possível de algum modo abocanhar ainda mais. (Tolstói, 2022, p. 15).

Denota, assim, que as reações das personagens diante da morte são condicionadas a ignorar a mortalidade do corpo e a perceber o evento com um sentimento de alívio⁵. Dessa forma, cada personagem segue seus próprios objetivos, ignorando completamente a morte de alguém próximo, em um processo de negação da mortalidade em defesa de seu Ego, passível de ansiedades (Volpi, 2008).

Nesse sentido, nota-se que, a partir de uma perspectiva crítica da realidade econômica, a sociedade capitalista, regida pelo acúmulo da propriedade privada e, por conseguinte, por relações líquidas⁶, demonstra uma objetificação do indivíduo. Na ficção, para a esposa, a morte de Ivan se torna um meio de extorsão; para os amigos, uma oportunidade de promoção. Dessa maneira, acentua-se o reflexo das diversas dinâmicas sociais construídas através da exploração como finalidade a conquista, de maneira abstrata, da ascensão social, negando, em última análise, a morte material de um indivíduo próximo.

Gimenes (2014) afirma que, em um contexto burguês, não é surpreendente que a ideia da morte seja cada vez mais afastada da consciência das pessoas. A morte, embora certa para todos, parece se aplicar apenas a um homem abstrato, não a um indivíduo concreto. Dessa maneira, o autor reflete a alienação moderna da morte, percebida como algo distante e irrelevante na vida cotidiana.

Em concordância, Silva (2019, p. 2) argumenta que a obra incorpora “os impasses de uma cultura na qual os sujeitos negam a própria finitude”. Assim, as ações da esposa e dos colegas de Ivan Ilitch representam um movimento de defesa, repressão ou recalque (Volpi, 2008), manifestado como uma repulsa não apenas ao cadáver, mas também ao significado filosófico da morte abordado por Ivan e sua doença. De acordo com Volpi

⁵ “[...] o próprio fato da morte de um conhecido tão próximo despertou como de costume, em cada um que teve dela conhecimento, um sentimento de *alegria* pelo fato de que morrera um outro e não ele” (Tolstói, 2022, p. 22, grifo nosso).

⁶ Termo cunhado por Bauman para delimitar a falta de solidez e constância das relações modernas.

(2008), essa repressão é um movimento de defesa da integridade do Ego ao afastar uma ideia ou percepção do consciente, em virtude da possibilidade de despertar ansiedades.

Logo, essa defesa é um mecanismo psicológico que protege os indivíduos do confronto direto com a realidade da mortalidade, promovendo a negação da morte como uma maneira de lidar com o medo existencial. Destaca-se, então, como Tolstói, por sua vez, produziu ao longo de décadas obras literárias que tentam discutir o sentido da existência, problematizando as relações sociais, como evidenciado na obra analisada (Silva, 2019).

Por certo, o verdadeiro veneno é a indiferença das pessoas, refletida em suas relações, não apenas na doença de Ivan Ilitch (Oliveira, 2015). Conforme a autora, Tolstói, seguindo a visão de Marx e Engels, retrata o personagem em todas as suas angústias, revelando o caráter desumano de sua vida e a essência do homem. Além disso, Oliveira (2015) destaca que, por intermédio de um realismo crítico, Tolstói mostra a inutilidade da vida de Ivan diante da certeza da morte; por conseguinte, a personagem não entende a morte e questiona sua própria existência e finalidade.

A proximidade com a morte, segundo não somente a obra de Tolstói, como também as reflexões de Oliveira (2015), suscita dúvidas sobre o que é a existência. Em meio ao ápice da angústia em sua vida, Ivan reavalia suas relações, percebendo a crescente indiferença gerada pelo modo de vida que levava. O retrato desse homem exemplifica muitos outros que adotaram os mesmos hábitos: deixaram a família de lado, focaram no que a sociedade esperava e no que deveria ser feito. O ápice da infelicidade de Ivan resulta, em sua maioria, de não seguir seus próprios desejos, mas sim de atender às expectativas impostas pela sociedade.

3. Temor da finitude

Conforme a narrativa progride, Ivan se torna o desconhecido, o leproso, a personificação da finitude da vida e a morte tão próxima de cada um. Assim, tal como supracitado, o movimento de defesa realizado pelas personagens captura suas emoções de temor e ansiedade. Baptista, Carvalho e Lory (2005) afirmam que, do ponto de vista das teorias das emoções, o medo é considerado como uma emoção básica, presente universalmente, enquanto a ansiedade é uma combinação de emoções, na qual o medo é predominante.

Desse modo, o que o autor argumenta está em consonância com o que se concebe sobre o medo como uma emoção básica, presente em todas as idades, culturas, raças e espécies, enquanto a ansiedade é um misto de emoções, em que o medo prevalece. Segundo Costa (2022), quando o ser humano é confrontado com a possibilidade de sua própria morte ou da morte de alguém próximo, o tema torna-se altamente sensível. Logo,

a consciência da morte traz a angústia da finitude e pode provocar sensações de medo e ansiedade.

Entende-se, dessa forma, o medo como uma reação primordial, uma resposta à possibilidade de ferimento ou fim, algo que o inconsciente reconhece como perigoso para si. Costa (2022) concorda com essa ideia, acrescentando uma noção de sensibilidade e intimidade ao reconhecer que a consciência da morte traz a angústia da finitude e pode gerar sensações de medo e ansiedade, pois, quando confrontado com a possibilidade de morte própria ou de alguém próximo, o ser humano enfrenta uma grande sensibilidade. Sendo assim, a consciência da morte traz angústia, medo e ansiedade.

Portanto, a proximidade das outras personagens com Ivan, um moribundo, evidencia o contraste entre a existência ilusoriamente infinita e a verdade crua da finitude, tornando-se uma tarefa árdua que elas evitam, consciente ou inconscientemente. A doença mortal de Ivan, sobre a qual todos evitam falar a verdade, reflete a disposição descrita por Bousso *et al.* (2011), que afirmam que a doença causa sofrimento e desencadeia a busca por significados na tentativa de compreender uma experiência tão avassaladora. Esses significados são moldados, segundo os autores, pelas crenças e estão inseridos em histórias de fé e compreensão do sagrado. Isso leva Ivan a se aproximar de um teor religioso à medida que se sente mais angustiado e próximo da morte.

Todavia, retornando ao temor, Bellato e Carvalho (2005) ressaltam que o terror sobre a morte, presente desde sempre na humanidade, reflete-se na dor do funeral, no medo da decomposição do cadáver e na obsessão pela morte, todos derivados do que os autores pontuam sobre a perda da individualidade⁷. Dessa maneira, as personagens, incrustadas em suas próprias vidas, preferem rejeitar Ivan como um movimento de evasão da possível dor, deixando-o sozinho.

Seguindo um parâmetro cronológico, percebe-se que, no século XII, o homem reconhece sua própria morte, enquanto, no século XVIII, a morte é percebida principalmente como a do outro (Souza, 2009). Esse evento, segundo o autor, é visto como uma violação da vida cotidiana, uma ruptura e um interdito, reafirmando a ameaça à prosperidade coletiva. Incapazes de impedi-la, os indivíduos optam por silenciá-la (Souza, 2009). Isto posto, demonstra-se como o afastamento provocado pelo temor à morte se liga com a centralidade de cada indivíduo; a evasão de qualquer mudança que afete o ciclo social estabelecido. Bezerra (2010) investiga que, na obra russa de Tolstói, há uma

⁷ O que se entende de complexo da perda da individualidade, de acordo com Volpi (2008), é um complexo traumático que leva ao 'traumatismo da morte'. A violência desse trauma, que nega a individualidade, resulta em uma afirmação intensa da individualidade, seja diante da própria morte ou da morte de um ente querido. À vista disso, a individualidade que se revolta contra a morte afirma sua própria imortalidade (Bellato; Carvalho, 2005).

alienação causada pelo excesso burocrático do movimento da morte em cada uma das personagens: aos colegas, um movimento em um jogo social⁸; à esposa, dinheiro.

Conforme Bezerra (2010), o corpo do marido está sendo velado enquanto a esposa tenta extorquir dinheiro na sala ao lado. Tolstói coloca, assim, a família de Ivan Ilitch no mesmo sistema de valores que seus colegas burocratas. Ainda nas palavras de Bezerra (2010), família e burocracia compartilham um ciclo de valores e de morte, no qual Ivan Ilitch se sacrificou em vida, refletindo o que o autor investigou como proveniente da relação com a morte enquanto indicador do caráter de uma civilização.

A partir das palavras de Oliveira (2015), podemos compreender que os escritores, ao expressarem suas visões de mundo, revelam implicitamente sua ideologia, que está intrinsecamente ligada ao contexto histórico, singular e pessoal. Eles transmutam a realidade por meio da palavra, seja em prosa ou verso, concretizando suas abstrações e, conseqüentemente, refletindo as nuances e complexidades de sua época. Supõe-se, ainda, que, na natureza humana, o que há além seja um nada crescente, a inexistência da consciência. Por essa razão, a busca ávida por uma resposta, um reconforto, torna-se uma constante. Qualquer tipo de segurança, até mesmo ilusória, satisfaz Ivan em seus últimos momentos.

4. A resolução

A negação da existência divina impõe aos seres, segundo o Existencialismo de Sartre, a responsabilidade por suas vidas. Tendo “matado” Deus⁹, o humano fica sozinho, relegado à vastidão da existência. Bellato e Carvalho (2005) afirmam que, confrontados com a temporalidade da vida, os humanos resistem à noção de sua finitude, buscando alívio para o paradoxo existencial entre vida e morte.

Como Primo Levi (1988) reflete, a natureza humana vai contra qualquer tipo de infinito¹⁰. Nesse sentido, inspirado pela interpretação de Bellato e Carvalho (2005) da frase de Levi, supõe-se que o alívio paradoxal para Ivan venha no instante em que ele tem um contato direto com o que percebe como uma divindade nos momentos finais de sua existência.

O fim é, de fato, doloroso. Contudo,

A vida, uma série de tormentos em crescendo, voa cada vez mais veloz para o fim, para o mais terrível dos sofrimentos [...] Estremecia, mexia-se, queria opor-se; mas já sabia que não se podia opor resistência, e novamente, com olhos cansados de fitar, mas impossibilitados de não olhar

⁸ “[...] a morte de um burocrata é mero deslocamento de uma peça no mórbido xadrez da burocracia” (Bezerra, 2010, p. 138).

⁹ Termo proveniente de Nietzsche e sua ideia de Super-Homem.

¹⁰ Levi (1988, p. 15).

aquilo que estava diante deles, fitava as costas do divã e esperava: esperava essa terrível queda, empurrão e aniquilamento (Tolstói, 2022, p. 70).

A aproximação da morte torna Ivan melancólico e temeroso. Simultaneamente ao seu ato de recapitulação do passado, ele adquire arrependimento por suas escolhas, pois nelas percebeu uma influência maior da sociedade em comparação com sua real vontade. Tanto que a infância é seu lugar de maior apreço pela liberdade a que estava sujeito. Seu sofrimento, mais do que físico, é moral¹¹. Dessa maneira, a aceitação transposta no trecho supracitado denota o que Bellato e Carvalho (2005) descrevem como uma das escolhas que o ser humano contemporâneo escolhe em meio ao paradoxo do consumo sobre sua própria morte: em vez de fingir que não existe e assumir a atitude do interdito, como sua esposa e colegas, ele a reduz a uma insignificância necessária para o ciclo da vida e, de fato, foi com a proximidade da finitude que mais se sentiu vivo.

Bousso *et al.* (2011) observam que as crenças religiosas e/ou espirituais oferecem possibilidades para dar significado e responder às perguntas existenciais que surgem diante da doença e da iminência da morte. O protagonista da obra, após um acidente doméstico, é levado a refletir sobre a proximidade com a morte e a fragilidade da vida: a queda foi suficiente para levá-lo ao estado em que se encontra. Ao revisitar sua existência, Ivan percebe quão superficial foi consigo mesmo ao seguir as expectativas que a sociedade impunha.

Por conseguinte, sua fuga, similar àquela de sua esposa e colegas diante da marca da morte, é uma fuga de seu próprio passado. Seu encontro com o fim o desperta para uma busca pelo verdadeiro significado da vida, encontrado apenas em sua infância (Bezerra, 2010). Naquele tempo, ainda alheio à hierarquia social, Ivan mergulhava no conforto familiar da inocência. Todavia, à medida que se envolvia mais com a burocracia, sua alma parecia perder a vitalidade que alimentava sua essência original, sendo gradualmente dominada pelo formalismo vazio e desumano do ambiente jurídico, sufocando sua capacidade de expressar afetividade (Bezerra, 2010) e evidenciando a alienação do indivíduo.

Sodré e Silva (2020) argumentam que Ivan Ilitch não era religioso e, portanto, não usava argumentos religiosos para lidar com a angústia da finitude. Nas observações dos autores, Ivan enfrenta a morte como algo externo que lhe rouba a vida, semelhante a um ladrão, percebendo sua vida como se fosse infinita. Assim, apesar dessa alienação e do despertar para a busca do verdadeiro significado da vida, que o leva a confrontar angústias sobre sua própria existência, Ivan parece negar a morte ao exteriorizá-la. Esse movimento de fuga, amplamente observado pelos indivíduos ao seu redor, é

¹¹ Tolstói (2022, p. 71).

caracterizado, conforme exposto, como uma forma de morte covarde. No entanto, nos momentos finais, Ivan Ilitch encontra paz na divindade e na percepção do impacto de sua morte sobre seu filho mais novo, que está atormentado pela iminente perda do pai.

5. Considerações finais

A obra *A Morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói, é uma reflexão contundente sobre a alienação e a objetificação do ser humano na sociedade burguesa e burocrática. Tolstói utiliza a trajetória de Ivan Ilitch para expor as profundezas do medo da finitude e da inexistência, mostrando como a negação da morte se manifesta nas relações sociais e pessoais. O afastamento das personagens do moribundo não é apenas um reflexo do medo da morte, mas uma defesa psicológica contra a confrontação com a própria mortalidade. A indiferença dos colegas e da família de Ivan Ilitch exemplifica a desumanização e a alienação que permeiam a sociedade, na qual a morte de um indivíduo é vista como uma oportunidade de ascensão e ganho material.

O percurso de Ivan Ilitch, desde a negação até a aceitação de sua morte, destaca a busca por um significado mais profundo da vida diante da inevitabilidade da morte. A aproximação da morte força Ivan a reavaliar suas escolhas e a reconhecer a superficialidade de sua existência, influenciada pelas expectativas sociais e pela busca incessante por posição e aprovação. Sua busca final por consolo na religiosidade e na reflexão espiritual representa uma tentativa de encontrar paz e significado em meio ao sofrimento e à incerteza.

Portanto, a narrativa de Tolstói não apenas critica a sociedade de sua época, mas também levanta questões universais sobre o sentido da vida e a inevitabilidade da morte. A alienação do indivíduo, a negação da morte e a busca por respostas existenciais são temas que ressoam profundamente até na sociedade contemporânea. A obra de Tolstói permanece relevante, incitando uma reflexão crítica sobre as escolhas de vida, a desumanização nas relações sociais e a necessidade de encontrar um propósito mais profundo em face da mortalidade. Em última análise, *A Morte de Ivan Ilitch* nos lembra que a verdadeira compreensão e aceitação da morte podem levar a uma vida mais autêntica e significativa.

Referências

BAPTISTA, Américo; CARVALHO, Marina; LORY, Fátima. O medo, a ansiedade e as suas perturbações. *PSICOLOGIA*, Lisboa, v. 19, n. 1/2, p. 267-277, 2005. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/psi/v19n1-2/v19n1-2a13.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2022.

BELLATO, Roseney; CARVALHO, Emília Campos de. O jogo existencial e a ritualização da morte. *Revista latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 99-104, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/Kvkkykz3YyhKMdKKN7ssv8S/?lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2022.

BEZERRA, Paulo. Alienação a auto-imolação em *A morte de Ivan Ilitch. Fragmentos*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 137-149, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/download/30465/25288>. Acesso em: 24 dez. 2022.

BOUSSO, Regina Szylyt *et al.* Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, [S.l.], v. 45, n. 2, p. 397-403, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/psw7FnrNF3wPMbw5cZ5Fv7h/?lang=pt>. Acesso em: 24 dez. 2022.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?lang=pt>. Acesso em: 24 dez. 2022.

COSTA, Cláudia Sofia Teixeira da. *Medo do Fim: A intolerância à incerteza como mediadora entre a Ansiedade face à morte e a Compra por pânico*. 2022. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, S/C, 2022. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/141605/2/566684.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2022.

GIACOMIN, Karla Cristina; SANTOS, Wagner Jorge dos; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo. O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.l.], v. 18, n. 9, p. 2487-2496, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2013.v18n9/2487-2496/pt>. Acesso em: 15 nov. 2022.

GIMENES, Max Luiz. Iminência da morte e busca pelo sentido da vida em *A morte de Ivan Ilitch. Humanidades em diálogo*, [S.l.], v. 6, n. N/A, p. 73-87, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/106260>. Acesso em: 7 out. 2022.
LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução por Luigi Del Re. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A representação das relações humanas em *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstoi. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, [S.l.], v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/1199>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SILVA, Rafael Lucas Santos da. Entre a finitude e a autenticidade: o ser-para-a-morte como indicativo de uma existência autêntica em “A morte de Ivan Ilitch”, de Liev Tolstói. *Scriptorium*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. e33203-e33203, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/scriptorium/article/view/33203>. Acesso em: 26 dez. 2022.

SODRÉ, Ícaro Ryad Andrade; SILVA, Larissa Felix da. *A morte de Ivan Ilitch, uma ótica fenomenológico-existencial sobre a finitude*. 2020. Monografia (Graduação - Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário AGES, Paripiranga, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16004>. Acesso em: 24 dez. 2022.

SOUZA, Christiane Pereira. A morte interdita: o discurso da morte na História e no documentário. *Doc On-line: Revista Digital de Cinema Documentário*, Campinas, v. N/A, n. 7, p. 17-28, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4007085.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.
TOLSTÓI, Liev. *A Morte de Ivan Ilitch*. Tradução por Boris Schnaiderman. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2022.

VOLPI, José Henrique. *Mecanismos de defesa*. Artigo do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/Mecanismos%20de%20Defesa.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2022.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/JLXMqcxLdXLsBdmwKwFbTHg/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2022.

Recebido em 08 de março de 2023
Aceito em 13 de julho de 2024



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).